SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO
ANO XXXVII
Números 428 e 429
Maio/Junho 1981

Mensário Escotista Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 LISBOA

Publicado em 15/7/1981
Duplo – Avulso: 30$00

O PAROXISMO DA VIOLÊNCIA

por Eduardo Ribeiro



Na escalada de violência, que se vem acentuando e tanto nos horroriza, o repugnante atentado contra a vida de João Paulo II parece ter atingido o paroxismo, embora nos deixe inquietos perante a incógnita de saber até onde poderá ainda chegar a loucura do homem deste século.

Parece ter-se perdido por completo a noção de respeito pela vida, mesmo quando é expressão dos mais nobres ideais de paz e amor. Talvez tudo isto seja herança dos hediondos e vergonhosos crimes da última Grande Guerra e fruto das sementes de violência fecundadas pelas constantes *guerrinhas* regionais, que as nações poderosas nada fazem para impedir. Para alcançar determinados fins, frequentemente medíocres, os homens não hesitam em destruir o que de mais belo existe – a vida.

Perante este atentado, registou-se apenas um facto que deve ser considerado positivo. Ninguém teve coragem de aduzir atenuantes. A condenação, vinda de todos os sectores políticos, religiosos e sociais, foi unânime. Mas isto não tem acontecido. Apesar da extrema crueldade de que se revestem certos actos de puro terrorismo, que ceifam quase sempre inocentes e se exercem indiscriminadamente, com requintes sanguinários, há sempre quem encontre atenuantes e tente justificar os vis meios utilizados pelos objectivos que pretendem atingir.

Tais manifestações de simpatia ou de simples tolerância são tão criminosas como os actos terroristas que pretendem absolver. A violência é sempre, mas sempre, condenável seja qual for o fim em vista e a forma por que se exerce. Atentar contra a vida, qualquer vida, é sempre crime, porque o dever do Homem – animal inteligente – é servir a vida valor absoluto que nos cumpre salvaguardar em qualquer circunstância.

Ninguém, nem a própria justiça das nações, tem o direito de suprimir a vida humana. Nós, Portugueses, temos justo orgulho de pertencer a uma Pátria que foi pioneira na extinção da pena de morte, há mais de um século banida na nossa legislação. Segundo a ética da reverência pela vida, nem a autodestruição é de admitir. O suicídio ou a tão discutida greve da fome são actos inteiramente condenáveis porque não só atentam contra a existência mas sufocam o natural e intenso desejo de viver, que cada ser alimenta.

Foi o grande Albert Shweitzer – o maior homem deste século – que viveu para servir, quem melhor definiu esta ética. São dele estas significativas palavras: *O Homem não será realmente ético, senão quando cumprir a obrigação de ajudar toda a vida à qual possa acudir, e evitar causar prejuízo a qualquer criatura viva. Não perguntará então por que razão esta ou aquela vida merecerá a sua simpatia, como sendo valiosa, nem tão pouco lhe interessará saber se, e a que ponto, ela será ainda susceptível de sensações. A vida como tal lhe será sagrada.*

→ pág. 2

SINAL DE PERIGO

A DROGA!

É com muita satisfação que temos conhecimento da acção individual desenvolvida pelos Escoteiros no combate à DROGA. São eles quem junto dos seus colegas de estudo e de trabalho realiza um trabalho de prevenção e exerce influência salutar avisando do perigo da Droga e das suas nefastas consequências, pondo os seus companheiros em guarda perante agentes que procuram fomentar o vício como fonte posterior de criminoso negócio.

Transcrevemos do Boletim "Homem Novo", do Movimento Estudantil e Profissional para Cristo, uma mensagem dirigida a jovens drogados proveniente de um jovem que muito sofreu, mas conseguiu libertar-se. Esta mensagem contém informação que poderá ajudar os Escoteiros nos seus apelos a outros jovens.

MENSAGEM A JOVENS DROGADOS DE UM QUE JÁ SE LIBERTOU

Sou o Alberto Machado, e tenho 25 anos de idade: sou um jovem ex-drogado.

Várias vezes pensei retomar o bom caminho, mas novamente fui atraído: no meu braço direito estão as marcas, da seringa. O meu espírito ficou marcado.

Quantos anos passaram desde que eu de saco-cama debaixo do braço, fugi de casa para fumar o meu primeiro *shlion* de haxixe? Três, quatro? Nem quero pensar nisso! Quero esquecer totalmente! Alguns amigos tentaram ajudar-me; depois desistiram, que mais podiam fazer?

Agora estou atrás das grades da prisão mas, depois de uns meses, esperam-me os familiares, eu tenho esperança! Imagens desfilam diante dos meus olhos, recordações... Paris, Suíça, Holanda, África, etc.

→ pág. 12

O PAROXISMO DA VIOLÊNCIA

← pág. 1

O Mahatma Gandhi esteve profundamente empenhado numa intensa luta política que visava a libertação da sua Índia. Tudo fez – e alcançou – para subtrair a sua pátria ao domínio britânico, mas nunca foi infiel à reverência pela vida, desenvolvendo uma pertinaz acção, mas não-violenta. E teve êxito, enquanto os violentos raras vezes o conseguem. Por isso Jesus Cristo ordenou a Pedro: *Torna a pôr a tua espada no seu lugar, porque todos que se servem da espada, à espada morrerão.*

Mas esta reverência pela vida leva-nos a importantes conclusões. Será ela a impulsionadora de toda a justiça social. Combaterá a poluição. Recusará a droga, o alcoolismo, mesmo o tabaco. Protegerá a Natureza, os animais e as plantas. Será a grande protectora da saúde e fomentará os serviços sociais indispensáveis à sua segurança.

Tem de ser este, afinal, o verdadeiro sentido da nossa existência. A vida só terá significado se for orientada no espírito de servir. As nossas posições políticas, mesmo partidárias, não poderão levar-nos a atentar contra a vida seja de quem for, mas se aderimos a qualquer facção será somente para servir e nunca para nos servirmos. Cabe aqui perfeitamente e uma vez mais a última mensagem de Baden-Powell: *O melhor meio de alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros. Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes e, quando chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo e fizestes todo o possível por praticar o bem.* Chama-se a isto servir a vida, a nossa e a alheia. Matar, espalhar dor, ou apoiar ainda que só moralmente quem o faz, não contribui para a felicidade de ninguém.

Há que inverter o sentido dessas vidas. O mandamento mosaico *não matarás* adquire aqui significado absoluto, evidentemente aquele que Deus quis inspirar ao homem: a defesa absoluta da vida. Não há nada que possa justificar a matança. Até mesmo as touradas, o tiro aos pombos, o combate de galos, que exibem a morte por prazer, são condenáveis e contribuem para a dura insensibilidade deste século. São as tais *pequenas coisas*, que parecem insignificantes, mas contêm a génese da violência. Ao serviço da vida, também teremos de as combater.

SEMPRE PRONTO

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACMs de Portugal
DIRECTOR
Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO
Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR
José Eduardo Pena Ribeiro
COLABORADOR
Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

R. Saraiva de Carvalho, 97 - 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 60 37 78 - 60 36 89

FUNDADO
em 1 de Janeiro de 1945

Assinatura anual: Esc. 150$00
Despesa de cobrança Esc. 30$00

Estrangeiro:
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 250$00

Outros países: Esc. 350$00

UM ESCOTEIRO DAS ILHAS FIDJI GANHA SAÚDE E CONQUISTA ESPERANÇA

Um escoteiro das ilhas Fidji, imobilizado desde há quatro anos numa cadeira de rodas, nunca esperou ser convidado para um Jamboree que se realizaria na Nova Zelândia. Nunca poderia imaginar que, após esse Jamboree, regressaria a casa capaz de andar pelo seu próprio pé!

Abisnesh "Abby" Motiram, de 14 anos de idade, foi escolhido pela associação escoteira das ilhas Fidji para fazer parte do seu contingente ao 9º Jamboree da Nova Zelândia, que se realizou no mês de Janeiro passado.

A fim de assinalar o Ano Internacional do Deficiente, os organizadores deste Jamboree recomendaram que escoteiros deficientes fizessem parte dos contingentes que participassem naquela actividade. Para encorajar esta ideia, um escoteiro-chefe da Nova Zelândia prontificou-se a pagar metade das despesas de viagem de um escoteiro deficiente das ilhas Fidji.

A escolha recaiu em Abby, membro entusiasta de um grupo de escoteiros de uma escola de doentes por ele frequentada. Desde a sua nascença, Abby sofria de hemofilia. Esta doença causa hemorragias internas nas articulações, particularmente nos joelhos e tornozelos.

Durante os últimos quatro anos, ele teve de viver confinado a uma cadeira de rodas. Em consequência disto, sofreu uma atrofia dos músculos das pernas e não podia estar de pé. No Jamboree, Abby foi examinado por um médico que propôs um exame por especialistas de Auckland. O diagnóstico feito por estes concluía que as pernas de Abby poderiam fortalecer-se sem intervenção cirúrgica mas unicamente por fisioterapia intensiva.

O tratamento poderia começar imediatamente, mas um problema se punha: o dinheiro. Não existia nenhuma convenção entre os governos da Nova Zelândia e das ilhas Fidji respeitante a uma reciprocidade de pagamento de despesas médicas. As despesas de hospitalização montavam a NZ$140 por dia. Então, o generoso benfeitor de Abby ofereceu-se como garantia do pagamento das despesas e o tratamento começou imediatamente.

O internato demorou mais tempo que o previsto. Abby esteve no hospital 28 dias, a maior parte do tempo em exercícios de tracção, seguindo-se um tratamento ambulatório de três semanas. Entretanto, o doente recebia muitas visitas de escoteiros e suas famílias, o que permitiu que o tempo passasse mais facilmente.

No decurso do tratamento, foi lançado um apelo público e difundidas notícias acerca dos progressos alcançados pelo doente. Em consequência deste movimento, foram recolhidos mais de 5 000 dólares oferecidos por pessoas privadas, grupos de escoteiros e agrupamentos de antigos escoteiros, bem como pelo Clube Rotário. Esta soma foi suficiente para cobrir as despesas médicas e permitir a Abby regressar a casa e receber as transfusões de sangue que lhe são necessárias.

Quando desceu do avião, que o levou de regresso às ilhas Fidji, foi o grande momento da vida de Abby. Tinha de novo o gosto da vida e recordava-se com gratidão de todos os seus amigos escoteiros que o tinham ajudado. – *New Zealand Scouts News (adaptação), citado no Newsletter Bulletin do Escotismo Mundial.*

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Estão a pagamento as assinaturas de "Sempre Pronto" respeitantes ao ano de 1981.

Pedimos com muito empenho a todos os nossos estimados Assinantes para fazerem remessa em cheque ou vale do correio do valor de suas assinaturas, dada a dificuldade que temos em efectuar a cobrança.

Esperamos que este nosso apelo seja prontamente atendido.

A Administração

VAMOS DAR ATENÇÃO AOS LOBITOS

Em 1938, a Comissão Executiva dos Escoteiros de Portugal fez uma visita aos Grupos da Região de Lisboa e chegou à conclusão de que existia "um *Escotismo afastado do método Baden-Powell*, resultado das constantes tentativas de adaptação sem estudo, de que resultou uma adulteração".

E continuava: "É o *Cubbing* o mais condenado e adulterado, e por isso podemos afirmar que, com pequenas excepções, o LOBISMO não existe, pois o chamado ESCOTISMO CADETE, a que chamaremos melhor ESCOTISMO BEBÉ, impõe o cumprimento da Lei e Promessa dos Escoteiros, vida em comum e até campismo de fim de semana. A acumulação desses erros deu à Divisão uma vida rasteira e sem finalidade pedagógica.

"Os erros criados por essas adaptações ignorantes do CUBBING podem concentrar-se nos seguintes pontos:

"1º – LOBITOS E ESCOTEIROS MISTURADOS com instruções e reuniões em comum, o que provoca:

– *esgotamento dos lobitos* que, procurando imitar os mais velhos, se fatigam;

– *aborrece os escoteiros,* que não gostam de conviver com os (mais) novos;

– *provoca o desinteresse dos lobitos* que, chegados à idade escoteira, nenhum interesse têm na passagem de Divisão, pois as práticas são as mesmas;

– *provoca às vezes acidentes graves*, pois sendo os escoteiros geralmente mais fortes nas suas brincadeiras e jogos, são por via de regra violentos".

"2º – O DESCONHECIMENTO DO ESPÍRITO DA SELVA proveniente da não leitura dos livros bases do Lobismo, arrancou-lhe em Portugal a sua mística e excentridades que tanto interessam o rapaz.

"Guerin Desjardins, num dos seus mais interessantes trabalhos, afirma que a palavra LOBITO por si só constitui um meio de educação, e, como assim é, devem os Grupos e Unidades abandonar o princípio Cadete e colocar o movimento dentro do seu quadro de vida da Selva com jogos e danças da Selva.

"3º – O USO DO UNIFORME DIFERENTE do das restantes Divisões para que o pequeno Lobito tenha bem a noção de que ainda *não é Escoteiro*, mas sim aspira a atingir essa honra quando for admitido no Grupo.

"Estes foram os principais erros provenientes da chamada oposição intelectual, que nos deu "Escoteiros reduzidos" em vez de LOBITOS, que permitiu a existência de um Lobito ou dois ou mesmo três num Grupo, a quem o Chefe não sabe que fazer. (...)"

Estas palavras, de que foi autor um dirigente que, sob o ponto de vista técnico, era muito sabedor, referimo-nos a Franklim de Oliveira, têm a maior actualidade e podiam e deviam ser hoje escritas.

De facto, as alterações, adaptações e inexperiências têm atraiçoado o método educativo conhecido por LOBISMO ou LOBITISMO. Há necessidade imperiosa de voltar à origem, porque a fantasia da SELVA, as suas danças e os seus jogos, dão satisfação plena à maneira de ser da criança e facultam ao dirigente escoteiro, ao AQUELÁ, material eficiente para atrair, educar e alegrar os Lobitos.

Da idade infantil para a idade da adolescência há uma mudança profunda na psicologia do rapaz. Essa mudança exige que os métodos educativos e escoteiros sejam diferentes para cada idade.



Nestas circunstâncias e convencidos de que isso vai ter grande interesse para os dirigentes escoteiros mais novos, passaremos a transcrever alguns trechos de "Na Selva", Normas e Regulamento da Divisão Lobito, de que os trechos acima referidos são o prólogo.

FINALIDADE DO LOBISMO

Baden-Powell, conhecendo o maior desejo da criança, – aquele que domina todas as suas actividades e pensâmentos – A BRINCADEIRA, baseia o seu método num JOGO ALEGRE E ACTIVO. Vera Barclay bem o confirma quando afirma: – "O JOGO É O PRODUTO VISÍVEL E CONCRETO DO ESTADO DE ESPÍRITO HABITUAL DA CRIANÇA, E A SUA ACTIVIDADE NORMAL É RUÍDO E BRINCADEIRA".

Outro dos desejos da criança na idade Lobito é o desejo constante de ouvir Histórias e Lendas, integrando-se na sua acção, dando vida imaginativa aos seus heróis e até procurando imitar os heróis da lenda na sua vida, por essa razão Baden-Powell envolve toda a actividade da Divisão numa ATMOSFERA DE LENDA, MISTÉRIO E AVENTURA, TENDO POR BASE A VIDA DO PEQUENO MAUGLI CRIADO PELOS LOBOS DUMA ALCATEIA, história que nos é contada por Kipling no seu interessante Livro da Selva.

JOGOS E LENDA, brincadeiras reguladas como actividade normal, assim nos aparece o ESPÍRITO DA SELVA, como ambiente da ALCATEIA, que impõem uma DISCIPLINA CARINHOSA, sem proibir barulho e traquinisse, longe dos discursos e palestras longas e enfadonhas (substituídas por contos e lendas); sem tácticas difíceis (com a simples PARADA DA SELVA), tudo conjugado para transformar o CHEFE NUM CAMARADA DE BRINCADEIRA, QUE NUNCA SE ZANGA.

Assim podemos afirmar que o LOBISMO se propõe DIVERTIR A CRIANÇA, CRIANDO UM MEIO FAVORÁVEL À FORMAÇÃO DO CARÁCTER.

A FORMAÇÃO MORAL DO LOBITO

Tal como o método escotista, a função primeira do Lobismo é promover a educação do garoto, dando-lhe a formação moral, livremente consentida, e baseada no cumprimento de uma *promessa e Lei* adaptadas à idade Lobito.

→ pág. 16

A PATRULHA (9) conclusão

por Adolfo Aristeguieta Gramcko

4. UM GRUPO AO AR LIVRE (Conclusão)

Outras considerações devem ser feitas: tal situação não põe somente em evidência a necessidade de se reagrupar, mas a esta partilha do perigo e do incidente, a esta partilha e até a uma "iminência de morte", gera-se, entre os membros do grupo, o sentimento fraternal, o elo poderoso que resulta da identificação de uns com os outros. Gera-se, na partilha de uma mesma vida, dos mesmos desejos, das mesmas angústias e do enfrentamento comum das necessidades vitais. A fraternidade escotista não mereceria o seu nome se o escotismo se praticasse ao pé da lareira ou a uma mesa de café.

O ar livre permite ao adolescente conhecer as necessidades primárias do homem e a maneira de lhes dar resposta num clima de entreajuda e de simpatia. Só aquele que cozinha em fogo de lenha compreende quantos séculos foram necessários ao Homem para chegar à água corrente e à cozinha a gás. Aí o escoteiro, sem dar por isso, encontra-se num contacto vivo com a História, dois momentos da História coincidem nele. A vida ao ar livre, a vida no campo permite ao adolescente tomar consciência do tempo, do significado dos séculos, de cada uma das conquistas da civilização.

Os perigos com que o adolescente topa na vida ao ar livre, nesse "Novo Mundo" desconhecido do adolescente, oferecem ainda um outro interesse: ensinam, graças à experiência, a prever e a vencer os perigos. Isto porque a experiência é o melhor dos mestres e, em numerosos casos, o único que pode ser útil.

O ar livre fornece sem cessar a oportunidade de se medir e de se pôr à prova a si próprio. Basta abrir os olhos para arrancar à natureza os seus segredos, escutar para reconhecer os seus ruídos. É isto que faz com que apareça o sexto sentido que possui o campista1 o pioneiro, o montanhista e que não é outra coisa senão o fruto de numerosas experiências, assimiladas naturalmente pelos sentidos utilizados ao máximo e com perfeito conhecimento.

Mas isto não é tudo. O ar livre permite integrar os seus conhecimentos, ensina a utilizar esses elementos em combinações distintas, de forma a realizar novas sínteses que podem servir noutras circunstâncias. Diz-se que a inteligência não se define por uma quantidade maior ou menor de conhecimentos, mas pela capacidade de os integrar, de encontrar novas soluções para novos problemas. É preferível saber utilizar uma quantidade média de conhecimentos com espírito criativo que ter acumulado conceitos rígidos de que não se é capaz de fazer a adaptação a cada nova situação. O ar livre é o treino para a criatividade, característica preconizada por métodos pedagógicos, como o escotismo.

Ao ar livre aprende-se a conhecer o valor de um corpo são e forte, um corpo que não apenas está integrado pelo ser, mas que se encontra ao seu serviço. Poucas ocasiões haverá, semelhantes àquelas que o campo oferece, que permitam apreciar o que as mãos podem realizar quando elas são colocadas ao serviço duma inteligência e duma capacidade criativas. Alguém que resolve os problemas ao mesmo tempo com a cabeça e com as mãos é alguém seguro de si, que terá acima de tudo confiança em si próprio. Acerca deste tema, poder-se-iam desenvolver as mais profundas considerações: o ar livre como factor privilegiado, que permite a expressão total da personalidade.

A fuga é um facto reflexo, por isso cego. Uma sucessiva submissão a acontecimentos novos, variáveis e distintos oferece ao indivíduo uma maior confiança em si próprio, ao mesmo tempo que o ensina a agir num outro contexto emocional. Diante do novo e do inesperado, torna-se possível conservar uma atitude serena, sempre idêntica, que dá possibilidade à pessoa de encontrar uma solução adequada e positiva. Nessa ocasião, não é supérfluo "estar alegre, sorrir e assobiar perante as dificuldades". Há uma última, uma extraordinária verdade: só o que é alegre é capaz de vencer.

Não foi por capricho, nem porque ele procurasse alargar o campo das actividades escotistas, que Baden-Powell deu ao escotismo o enquadramento do ar livre. Foi por muito boas razões que ele disse: "O escotismo não se pode praticar senão ao ar livre". É o único meio que responde às exigências da pedagogia escotista.

(Publicado por "Training Formation" – Secretaria Mundial do Escotismo")

SINTRA

FORAM DISTRIBUÍDOS OS TROFÉUS DO III GRANDE PRÉMIO DE SINTRA DE CARROS DE RAMPA

No dia 27 de Junho corrente, o Grupo 93 levou a efeito a distribuição dos troféus do 3º Grande Prémio de Sintra para Carros de Rampa, prova que os escoteiros sintrenses promoveram e que alcançou grande êxito, como aliás se calculava, dado o exemplo dos anos anteriores.

Esta sessão festiva realizou-se no parque da nova sede do 93, situado junto à estação ferroviária da vila, numa risonha tarde de sol, que muito bem se harmonizava com a alegria que todos manifestavam.

A mesa que presidiu à festividade era constituída informalmente e nela se viam figuras ligadas ao 93, como o seu escoteiro-chefe Dr. António Augusto da Silva e Cunha, e o presidente e o vice-presidente da direcção, respectivamente os srs. José Alfredo de Azevedo e Joaquim Jorge Rodrigues, assim como o EC António Mira Calhau, adjunto do escoteiro-chefe nacional, que representava o sr. Nuno Nascimento, escoteiro fundador do 93, EC João Henrique Pereira Soares, antigo chefe do grupo, e os representantes do *Correio da Manhã* e da Pepsicola, que patrocinaram a realização deste Grande Prémio.

Perante um bom auditório, em especial constituído por gente nova, foi iniciada a festa com a realização do cerimonial do compromisso de honra de novos elementos do 93, lobitos, escoteiros e guias-escoteiras, assim como dos novos guias e subguias de patrulha. Imediatamente após cada um destes actos, foram entregues as respectivas insígnias aos novos elementos.

Esta parte do programa foi dirigida, com o seu peculiar dinamismo, pelo EC Dr. José António Ribeiro e Cunha.

→ pág. 12

UMA ENTREVISTA POLÉMICA

REMUNERAÇÕES PARA OS ESTUDANTES E DONAS DE CASA
E TRABALHO E ESTUDO AO LONGO DE TODA A VIDA

Tive oportunidade de ler, no excelente "O Jornal da Educação", uma curiosa entrevista em que o psicólogo e antropologista José Gabriel Pereira Bastos faz afirmações, muito polémicas, acerca do problema educativo.

Nessas declarações, dignas da maior ponderação, este professor começa por fazer a análise das questões que hoje preocupam os educadores, relacionadas com o comportamento dos adolescentes e dos jovens. Revela que, em resultado das investigações que têm sido levadas a efeito, em institutos ingleses, sobre a ansiedade e a angústia, se tomou conhecimento de que a taxa de angústia na adolescência atingiu os seus mais elevados graus. Tal estado de coisas dá origem a comportamentos negativos, como o de fechamento em si próprio, tendências depressivas e até suicidas e criminalidade, como hoje se observam na juventude.

Pereira Bastos refere que estes dados resultam de uma "adultidade precoce" da nossa juventude, visto que esta aparece a acompanhar os adultos não só em manifestações negativas, mas também nas positivas, como no cinema, teatro e música e noutras sem valorização subjectiva, como as relacionadas com o problema sexual.

A INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA

Mas o maior interesse do depoimento deste professor reside nas soluções que aponta para se enfrentar estes problemas. Embora reconheça que os adolescentes procuram hoje acompanhar, e acompanham mesmo, o adulto em variadas manifestações, a verdade é que se encontram desfavorecidos por completo num ponto muito importante, o da independência económica, situação que tem tendência para se prolongar, em virtude de os cursos serem cada vez mais longos e das dificuldades em obter o primeiro emprego. Assim o adolescente está cada vez mais longe de atingir a capacidade financeira, propiciadora da autonomia.

Que fazer então? Em primeiro lugar, há que pôr em causa todo o processo que na nossa civilização conduz uma criança recém-nascida até se tornar num adulto responsável. Alude à situação de mal-estar em que se encontra o adolescente que tem de permanecer na escola mais de 30 horas por semana, ou seja, o mesmo horário do trabalho do adulto. Porém, este, mediante a sua ocupação profissional, obtém a contrapartida de poder gerir os seus tempos livres, ao passo que o adolescente fica reduzido a uma situação em que não tem autonomia financeira, nem autonomia de vida, sujeito, como está, a constrangimentos doutros grupos, em especial da família.

E começa qui a explanação do pensamento do entrevistado: em primeiro lugar, o trabalho de estudar, porque de trabalho efectivamente se trata, devia de dar direito ao recebimento de um salário. Reconhece que isto daria origem a uma revolução social tão grande como a que produziu a entrada da mulher no mercado de emprego. E aduz: "Em 1900, uma família era paga em termos do salário do marido. A mulher estava em casa, não tinha independência económica e as suas horas de trabalho não eram pagas". Afirma depois que não se ganhou nada, do ponto de vista do bem-estar das famílias, com o facto de a mulher trabalhar, visto que o salário que então dava para manter o marido, a mulher e os filhos tem de ser hoje obtido pelo trabalho do marido e da mulher conjuntamente. E acrescenta: "Passar-se-á a mesma coisa no dia em que os adolescentes tiverem de ser pagos por trabalharem nas condições em que trabalham. É evidente que, como a massa salarial bruta será a mesma, os pais e as mães passariam a ganhar menos, em termos relativos. Simplesmente, à partida, haveria uma redistribuição, que os pais e as mães se não mostram capazes de fazer a nível voluntário". E Pereira Bastos, que tem três filhos, diz que tem adoptado com eles este método e que a experiência tem dado bons resultados.

ESTUDO E TRABALHO

Outro ponto abordado, e de não menos interesse, é o do problema, como ele diz, da clivagem entre educação e trabalho.

A maioridade aos 18 anos, afirma, é uma maioridade retardada, pois que, em seu entender, esta deveria ocorrer aos 12 ou 14 anos, o que daria ensejo a formalizar a crescente autonomia que os adolescentes estão a ganhar às escondidas.

Por outro lado, chama a atenção para o facto de ser princípio assente, na nossa sociedade, que, em geral, quando se estuda não se trabalha e quando se trabalha não se estuda. O entrevistado discorda deste pensamento e contrapõe que, em sua opinião, o trabalho e o estudo deviam ser postos em paralelo, ao longo de toda a vida. Ajunta ainda que o seu desacordo é total quanto à proibição do trabalho às crianças, que aceita apenas no que diz respeito a tempo integral de trabalho. E expõe o seu ponto de vista, afirmando que o próprio ensino devia conter em si formas de estágio em empresas ou formas de profissionalização desde muito cedo e remuneradas. Esta remuneração não seria consequente do acto de estudar, mas sim do de estudar trabalhando.

Pereira Bastos afirma ainda convictamente que o estudo-trabalho devia prolongar-se por toda a vida, 24 a 30 horas de trabalho e 8 horas de estudo, por semana. No caso dos estudantes, a distribuição das horas semanais de actividade seria de 12 horas para o trabalho e 20 horas para o estudo. E faz outro depoimento também corajoso: "Os pais descartam-se de uma criança recém-nascida para uma creche, uma criança de dois anos para o jardim infantil, de uma criança de seis ou dez anos para a escola primária e de um adolescente de doze para os dezasseis anos para os liceus, esperando que alguém os aguente, porque eles não têm tempo".

O TRABALHO DAS DONAS DE CASA

Mas não ficam por aqui as polémicas declarações do entrevistado. Adianta, mais para a frente, que o trabalho das donas de casa devia de ser remunerado e que o pai ou a mãe, que passam a ter de dedicar mais tempo à educação dos filhos, devem ter menos horas de trabalho na empresa. Defende ainda que não só os adolescentes devem receber remuneração,

→ pág. 14

OS PORTUGUESES NO I JAMBORI

continuação do número anterior

Albano da Silva emudece por momentos, ao recordar esses deliciosos momentos dessa longínqua aventura. Mas logo prossegue:

– *Em Londres, visitámos tudo, por assim dizer. Umas vezes com o sr. Moreton, outras vezes com diversas pessoas que eles destacavam. Até mesmo pais de escoteiros, que estavam em férias, se ofereciam para nos acompanhar. Lá se arranjavam para não nos deixarem sós. Tomávamos o comboio e estávamos no centro de Londres. Recordo-me que visitámos o Museu da Guerra e, como não víssemos lá a bandeira portuguesa, ao visitarmos o ministro de Portugal em Londres, o Dr. Teixeira Gomes, dissemos-lhe que a bandeira nacional não estava lá. Ele não soube explicar o motivo dessa lacuna. Visitámos também casas de chá, o Lyons e outros locais de interesse. O sr. Petersen acompanhou-nos também algumas vezes.*

ALGUNS ASPECTOS DO JAMBORI

Perguntámos-lhe:

– Tem algum episódio ocorrido no Jambori, que desejasse referir?

– *Pois tenho. Olhe, no Olympia havia diariamente dois desfiles das delegações dos vários países. A princípio, cada desfile era invariavelmente aberto pela banda dos escoteiros dos Estados Unidos da América, que executava a conhecida marcha de John Philip Sousa. Um dia, porém, o delegado do Chile perguntou qual o motivo por que eram os EUA a abrir sempre os desfiles. Responderam que isso era imposto pela ordem alfabética e, portanto, a América vinham em primeiro lugar. O chileno respondeu:* "Pero América también yo soy!" *E conseguiu que, daí em diante, os EUA, ora encabeçassem os desfiles, ora só aparecessem no seu devido lugar na ordem alfabética. No Olympia, o barulho era, por vezes, ensurdecedor. Em determinada altura, surgiu um grito escotista:* "We are boys that make no noise!" *(somos rapazes que não fazem barulho), a que toda a rapaziada logo respondia:* "Uh, ah, uh, ah, ah!", *um grito que tem permanecido até hoje e tão conhecido é dos escoteiros portugueses. Ainda no que diz respeito à bandeira nacional, recordo um episódio com o seu quê de pitoresco. No Olympia, como o* Sempre Pronto *já referiu, tinham sido montados, nos vários compartimentos, pavilhões onde se expunham trabalhos e objectos escotistas. Quando percorremos aqueles locais, onde tudo estava engalanado, género arraial, observámos que não se encontrava lá a bandeira portuguesa. Vimos, sim, muitos panos vermelhos e verdes, isto porque os ingleses gostam muito dessas duas cores. Pelo menos nessa altura até as carruagens dos comboios estavam pintadas assim. Apresentámos a reclamação a Hubert Martin, velho dirigente escotista inglês, na ocasião comissário internacional da Boy Scouts Association. Explicou-nos que procurara a nossa bandeira no mercado, mas não a encontrara e que tinha ido mesmo à nossa legação, mas também aí não vira grande interesse em lha fornecer, o que não nos admirou, em face do que acontecera já no Museu da Guerra. Tivemos de nos conformar. Porém, mais tarde, ocorreu o inesperado: num dos pavilhões, avistámos finalmente uma bandeira portuguesa! Não muito grande, aí com uns 50 x 75 cm, mas de facto uma bandeira portuguesa. Dissemos uns para os outros:* "Isto é com certeza um português que cá está". *Quando nos aproximámos, vimos, junto à bandeira, uma tábua com esta curiosa inscrição em pirogravura:* "Soidades de meu terra. Este é meu pátria bem amado" *(sic). Fomos averiguar: encontrámos um latagão. Era um engenheiro inglês, de Manchester, mas que tinha nascido em Cabo Verde. Para ele, embora inglês, aquelas ilhas eram também a sua pátria. Gostava muito de Portugal e tinha grandes saudades de Cabo Verde. Convidou-nos a visitar a sua fábrica, o que não chegámos a fazer.*

– E aquele episódio da bandeira portuguesa, aquando da visita do rei Jorge V?

– *É verdade. Mais uma vez, o sr. Moreton conseguira remover dificuldades para que a nossa delegação fosse colocada numa situação de grande evidência. Fomos a única delegação estrangeira, a mais velha aliada daquela nação, a que o soberano britânico, a Princesa Maria e B.-P. passaram revista. Tinham aconselhado a Humberto Martins, o nosso porta-estandarte, a fazer com que o pavilhão nacional tocasse levemente o chão, na altura da passagem de Jorge V, tal como mandava o protocolo. Mas ele não foi nisso. Levantou bem alto a bandeira!*

Incansável, Albano da Silva prossegue:

– *O sr. Moreton e o sr. Petersen multiplicavam-se! Foram a alma de tudo o que os portugueses conseguiram naquela memorável visita.*

– E havia lá mais escoteiros nossos compatriotas?

– *Pois havia. Estava lá um adueiro, o Paulo Gomes da Silva, um rapaz bastante simpático. Morreu, mais tarde, num acidente, como soubemos pela leitura de um trabalho do nosso companheiro Alberto Saraiva. A União dos Adueiros de Portugal propusera-se enviar uma delegação de 70 rapazes. Afinal só aquele conseguiu ir. Nós, por graça, chamávamos-lhe o "Setenta", o que ele não levava a mal. A nossa delegação era constituída pelos três escoteiros do 1, dois do Grupo 2, (o Franklin de Oliveira e o Carlos Frias), dois do Grupo 9 (os irmãos Borrego), quatro do Grupo 11 (o hoje Prof. Henrique de Barros, nessa altura com 11 anos, o Dr. José Maria Galvão Teles, de 13 anos, o Dr. Dinis Curson e o Alberto Lima Basto, oriundo desse grupo, mas que na altura desempenhava o cargo de escoteiro-chefe geral). Com o sr. Moreton, que se juntou a nós em Londres, éramos 12. Embora o sr. Moreton não usasse uniforme escotista, chamavam-nos os "Doze de Inglaterra". O Lima Basto tomou parte em muitas reuniões em que se estudou a criação da Secretaria Internacional do Escotismo. O Franklin de Oliveira também assistiu a reuniões relacionadas com o escotismo católico.*

→ pág. 13

COMEMORAÇÕES DO 75º ANIVERSÁRIO DO ESCOTISMO
1982 – 1983

O que tinha começado em 1907, num pequeno acampamento, tornou-se no mais importante movimento de jovens voluntários no mundo.

De 20 rapazes ao princípio, passou a 16 milhões de jovens repartidos por mais de 150 países e territórios..

O 22 de Fevereiro de 1982 marcará o início das comemorações do 75º. aniversário do escotismo. É o dia de aniversário do fundador, Robert Baden-Powell, e este teria sido o 125º. aniversário do seu nascimento.

Esta celebração designada em certos países como "Ano do Escotismo" durará até Julho de 1983, quando uns 15 000 jovens vindos do mundo inteiro se juntarem no Canadá para o 15º. Jambori mundial.

Foi nos princípios de Agosto de 1907, que Baden-Powell juntou rapazes de diversos meios para participarem no seu campo experimental na ilha de Brownsea. Ele queria fazer um teste aos seus princípios de formação que compreendiam: o sistema de patrulha, o reconhecimento do esforço individual assim como outras ideias novas para a época. Desde então, estes princípios foram adoptados por educadores eminentes e tornaram-se a base do escotismo.

Baden-Powell não teve a intenção de criar uma organização, mas o livro que escreveu "Escotismo para Rapazes", tornou-se muito popular e os jovens começaram a denominar-se a eles próprios de "scouts". Em 1908, abriu-se uma repartição escoteira, e o programa começava já a espalhar-se por outros países.

"O Escotismo para um mundo melhor" será o tema para o Ano do Escoteiro. Ao longo deste aniversário, os escoteiros farão projectos especiais para ilustrar este tema, e isto em função das necessidades dos países e das comunidades. Outros escoteiros concentrarão os seus esforços na economia da energia e outros contribuirão para a alfabetização. Algumas organizações escoteiras de países industriais terão projectos "geminados" para ajudar os escoteiros de países menos desenvolvidos.

A Repartição Mundial do Escotismo enviou a todas as associações escoteiras um processo sobre o programa do 75º. aniversário. Este processo e outras actividades do Ano do Escoteiro, são o resultado de planos de grupos de trabalho do Aniversário do Comité Mundial do Escotismo, dirigido por Reginal Gròome (Canadá), e do comité de relações públicas e das comunicações, presidido por Ralph Cohen (Estados Unidos).

As organizações escoteiras estão já em vias de planificar as actividades especiais. Estas serão descritas nas "Notícias do 75º. aniversário", boletim que será enviado a todos os principais responsáveis das actividades do Ano do Escoteiro. – *Newsletter Bulletin*

UM NOVO LIVRO SOBRE BADEN-POWELL

"Na Pista do Fundador" é o título de um novo livro reunindo citações de Baden-Powell, o homem que fundou o Escotismo há perto de 75 anos.

O seu autor, Mário Sica, fez pesquisas em todos os escritos de Baden-Powell e conseguiu reunir mais de 500 citações e agrupá-las por assuntos. Trinta e dois desenhos do próprio Baden-Powell foram escolhidos para ilustrar as suas ideias.

O livro é uma colecção de pensamentos expressos por Baden-Powell em diversas ocasiões e sobre numerosos assuntos. Os leitores poderão verificar uma evolução na maneira de pensar acerca de diversos temas e, no entanto, a maior parte das citações são tão pertinentes hoje como quando foram escritas. Isto é uma coisa notável se tivermos em consideração as transformações do escotismo e do mundo nos últimos 75 anos.

Será publicado em inglês, francês e italiano por ocasião do 75º. aniversário do escotismo. O prefácio foi escrito por Sir William Gladstone Bt., presidente do Comité Mundial do Escotismo, e a introdução por Laszlo Nagy, secretário-geral da Organização Mundial.

O livro em edição de bolso será em breve posto à venda na Repartição Mundial do Escotismo pelo preço de 6,00 francos suíços.



DOS AMIGOS DE "SEMPRE PRONTO"

CASAMENTO – Em 31 de Maio findo, na basílica da Estrela, efectuou-se o enlace matrimonial da sra. D. Maria de Fátima Dinis Nunes, auxiliar do Centro Psicopedagógico ACM, e o nosso estimado amigo Álvaro Emanuel da Rocha Freitas Matos, montador das oficinas gráficas ACM. "Sempre Pronto" deseja aos noivos as maiores felicidades.

*

DE LUTO – Em 3 de Junho corrente, faleceu numa clínica de Lisboa, a sra. D. Maria Ivone Monteiro Rosal Tengarrinha Pires, de 57 anos de idade, casada com o nosso estimado amigo e assinante sr. Vice-Almirante António Tengarrinha Pires, ex-escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Portugal.

O funeral, realizou-se no dia seguinte da igreja de Santa Isabel para o cemitério do Alto de S. João, tendo-se incorporado nas últimas homenagens numerosos amigos e o director do "Sempre Pronto".

Apresentamos sentidos pêsames ao Sr. Vice-almirante Tengarrinha Pires e a sua família.

*

DE LUTO – Pelo falecimento de sua mulher, sra. D. Joana Marcel de Freitas Duarte Borrego, ocorrido em 11 de Março último, encontra-se de luto o nosso estimado amigo e assinante sr. coronel Joaquim Duarte Borrego, antigo dirigente escoteiro, a quem apresentamos as nossas condolências muito sentidas.

* * *

OS PORTUGUESES NO XXIII JAMBORI NO AR

Já quando se aproxima, a passos gigantescos, a nova edição do JOTA é que nos é possível fazer a apreciação dos relatórios que os grupos de escoteiros e guias portugueses prepararam para o XXIII Jambori no Ar. Diz o nosso povo que vale mais tarde que nunca. E é este pensamento que nos anima a empreender este trabalho. Mas, mãos á obra, não percamos tempo.

Este ano, foi-nos patente a maior quantidade de relatórios desde sempre. Só que a qualidade da maior parte deles deixa muito a desejar, o que é pena. Alguns nem sequer podem ser chamados relatórios, mas sim listas de contactos, o que é extremamente pouco.

Façamos, porém, algumas referências aos que conseguiram fugir, com algum êxito, à vulgaridade.

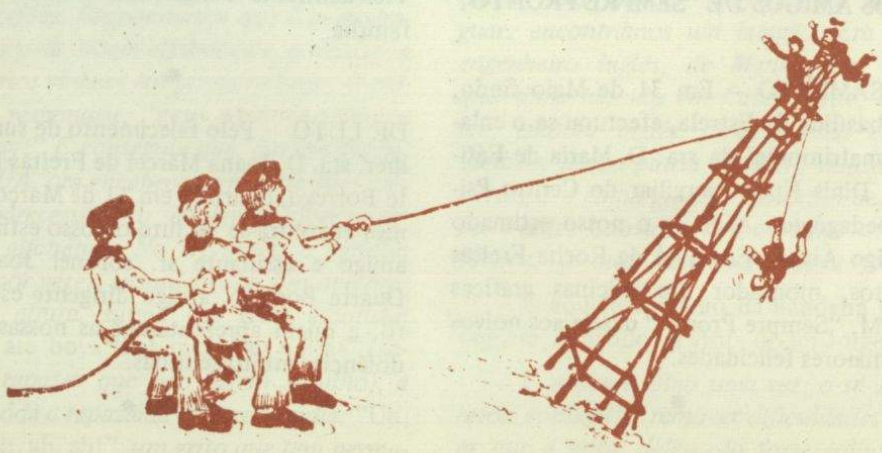
Diz o Agrupamento 65 do CNE (Torres Novas) que se estreou nestas andanças. Só por isto colhem o benefício da nossa indulgência, face ao pobre trabalho apresentado. Que, no ano corrente, senhores da experiência colhida, se abalancem a mais altos voos.

O Grupo 72 da AEP (Cartaxo) oferece um relatório com excelente apresentação (bem encadernado, bem dactilografado e sem os erros de ortografia que "ornamentam" tantos outros relatórios). Só que o conteúdo falha no aspecto de inspiração. Desenhos fraquinhos. Narrativa incolor. E as tais quadras feitas a martelo. É pena, visto que já possui alguns meios para realizar um trabalho de interesse. Vamos a puxar por essa imaginação?

O Agrupamento 172 do CNE e a 1ª Companhia da AGP (Abrantes) prepararam um volumoso relatório, muito bom no aspecto formal. Excelentemente decorado, com bons desenhos coloridos e cheios de graça e fotografias com interesse. Só o texto não acompanha bem esta qualidade. No entanto, deve enaltecer-se o meticuloso trabalho dos autores do relatório e o alto nível artístico alcançado que não é vulgar. Estas duas unidades montaram os dois postos com que trabalharam no castelo de Abrantes. A princípio, foi escolhido um local junto à torre de menagem, onde os escoteiros começaram a armar uma tenda para abrigar a aparelhagem. Porém, um fortíssimo temporal deitou tudo por terra e, ainda por cima, inutilizou a tenda e os suportes. Foi uma grande contrariedade, mas não suficiente para esmorecer o entusiasmo daqueles jovens. Assim, a montagem foi transferida para os claustros do mesmo castelo e tudo então decorreu normalmente.

A anteceder o JOTA, os escoteiros e as guias fizeram intensa propaganda em toda a airosa cidade ribatejana. De forma, que muito público visitou as instalações onde o JOTA decorria, tomando, assim, contacto não só com o radioamadorismo, mas também com o escotismo e o guidismo. Óptima oportunidade bem aproveitada.

O relatório transmite bem a expectativa com que o Jambori foi aguardado, bem como o entusiasmo com que decorreu naquele local, cujos postos estiveram *no ar* 33 das 48 horas que durou o JOTA. E a alegria era tanta que, quando se chegou ao fim do JOTA, durante a desmontagem das estações e do material realizou-se uma animada sessão de fados e guitarradas em que todos participaram. Foi uma bela actividade. E agora uma revelação: foi este o primeiro ano em que os escutas e guias de Abrantes tomaram parte num JOTA! Que estas óptimas perspectivas se confirmem nas seguintes edições, são os votos que fazemos. *Bravo!*



DARMOS AS MÃOS ATRAVÉS DA RÁDIO

O Agrupamento 110 do CNE (Porto) não teve uma participação por aí além, mas o seu relatório, de poucas páginas, tem algumas passagens que merecem ser lidas e saboreadas, como esta: "Que as vossas mensagens sejam mais uma espiga no molho. Que este molho seja coeso e que a vossa espiga seja o aloquete que feche a corrente, unindo a juventude numa só raiz: Baden-Powell; num só lema: o de Servir; dum só ideal: o Escotismo; dum só garante: a Juventude de hoje será a garantia da Compreensão e da Paz do amanhã". Que assim seja, apetece dizer. Mas no relatório lê-se mais: "Participar é viver. É deixarmos a nossa concha e falarmos com os outros. É contarmos as nossas experiências, umas animadoras, outras desanimadoras". Eis uma síntese do que é, do que devia ser o Jambori no Ar: comunicar, conhecermo-nos melhor, ou, como se regista ainda neste relatório, "a vontade de darmos aos outros aquilo que nos vai no coração, de falar e de ouvir, de darmos as mãos através da rádio".

Já o Agrupamento 143 do CNE (S. Mamede de Infesta) dá-nos um relatório arrumadinho, limpo, com ilustrações dalgum interesse, mas nada mais. Parece que tudo foi improvisado, portanto desenraizado, sem profundidade, o que é o ónus que tem de se pagar pela falta de planeamento.

Por outro lado, o Grupo 93 da AEP (Sintra) decepciona-nos. Uma unidade com gente capaz de fazer trabalho de interesse, como o tem já provado, tem um relatório de um valor menor que medíocre. Será fraqueza momentânea? Esperamos que sim.

Um trabalho simples, despretencioso, mas também tocado de uma certa aridez, é o que apresenta o Agrupamento 598 do CNE (Armação de Pêra). O que, porém, merece certa desculpa, dado que o agrupamento é novato nestas andanças. O nome do radioamador que ofereceu o seu

→ pág. 11

Página do Escoteiro



IDEIAS PARA O "NACIONAL"

CONSTRUÇÃO DE PÓRTICOS

Como já tivemos ocasião de dizer, o Acampamento Nacional é a melhor oportunidade para que os Escoteiros exibam as suas habilidades. Uma coisa muito típica de um grande acampamento são os pórticos. O Acampamento terá um grande pórtico central construído com originalidade e grandeza. Depois, cada um dos Campos terá também o seu pórtico, tão original quanto possível, e os subcampos procurarão também afirmar a sua presença com uma porta interessante.

Se bem repararam, vincámos a nota da ORIGINALIDADE. Quer isto dizer que os PÓRTICOS não devem obedecer a modelos feitos. Devem ser fruto da imaginação dos Escoteiros. E quem melhor que a rapaziada é capaz de ter ideias originais?

Em 1930, em Ponta Delgada, era aguardado Baden-Powell. Os Escoteiros do Grupo 80 prepararam um acampamento para receber o Chefe Mundial e imaginaram um pórtico monumental: Um castelo construído com toros de madeira, com oito

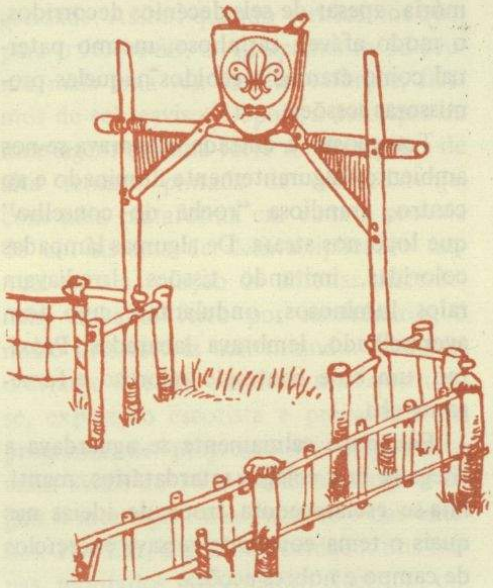


Porta do Campo de Savoia no Jambori da Paz – 1947 – França.

metros de altura. Baden-Powell não chegou a ir a São Miguel, mas teve conhecimento do facto e manifestou o seu apreço.

Portanto, não vamos sugerir pórticos. Apenas ilustramos este trabalho com algumas fotos. Mas não servem para copiar.

Para construir um pórtico é preciso saber fazer nós, técnica que todo o Escoteiro conhece. Depois, é necessário efectuar



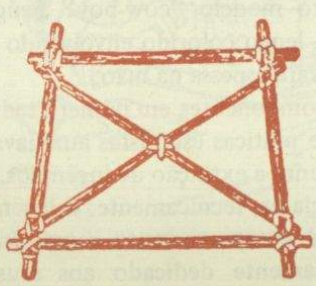
ligações com varas e espias, já que as artes escoteiras excluem o uso dos pregos. Nos números 403 e 404/405, de Maio e Junho de 1979, do "Sempre Pronto", os nossos leitores podem encontrar algumas noções elementares sobre ligações de varas.

Os acampamentos de grupo não necessitam de grandes pórticos. Poder-se-á partir de uma simples barra levadiça. Mas, com duas varas altas, poder-se-á armar uma porta gótica. É bonito e simples.

Estas decorações góticas podem também ser aplicadas na capela de campo, com uma cruz ao centro, quando se destinem a grupos de confissões cristãs.

CONSTRUÇÃO DE UM CAVALETE

Uma peça indispensável no trabalho de pioneirismo é o *cavalete*. Este é utilizado em muitos trabalhos, mas especialmente em mesas, pontes e passadiços, portais e



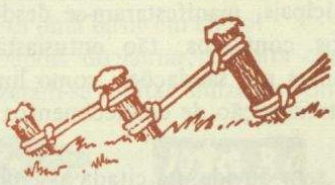
vedações. É constituído por um quadrado feito por quatro varas de escoteiro ou quatro fortes troncos, sobrepostos pelas extremidades, conforme se pode ver na respectiva gravura. Depois cruzam-se duas varas (ou troncos) que se vão sobrepor e unir nos vértices dos ângulos formados pelo quadrado. Esta cruzeta vai travar e dar segurança ao cavalete.

As ligações são feitas aplicando de início o nó de barqueiro e passando três laços, tudo muito bem justo. No centro da cruzeta, dois nós de barqueiro cruzados sustêm as duas varas.

ESTACAS

Tanto os pórticos como as pontes têm de ser sustentados por estacaria. Naturalmente que as vulgares estacas de arame ou ferro que não têm resistência suficiente para aguentar uma construção desta natureza. Podem-se então usar estacas de madeira ou fortes troncos. Já sabemos que as estacas se enterram no solo com uma inclinação de 45°.

Sempre que houver necessidade de maior resistência, usam-se duas ou três estacas colocadas em série e ligadas umas às outras por espias. Fácil será concluir que será assim muito maior a resistência. (Ver gravura).



Pronto! Agora vamos a imaginar trabalhos de pioneiro para o próximo "Nacional". O melhor será fazer ensaios em acampamentos de fim-de-semana. Assim, quando chegarem à Figueira da Foz, não hesitarão. Já sabem o que fazer e, sobretudo, como fazer.

* * *

O ESCOTISMO NA DÉCADA DE "VINTE"

pelo professor Aníbal Ramos

Despontava a primavera do ano de 1920 quando o ministro do trabalho, Dr. Ramada Curto, nomeou director da Escola Profissional de D. Maria Pia o socialista César Augusto dos Santos, pessoa não erudita mas viajada e disciplinadora.

Logo nos primeiros dias do desempenho das suas funções, ao visitar as dependências do estabelecimento, surpreendeu-o ver no armazém uniformes mais ou menos escotistas pendurados em cabides e inaproveitados.

A fim de os utilizar, mandou abrir inscrições pelos alunos de idade média e, deste modo, fomentar a criação de um grupo de escoteiros a chefiar pelo professor ajudante de educação física.

Desconhecedores do sistema específico, a sua prática foi iniciada por longas marchas dirigidas aos parques públicos da cidade, já que a direcção das duas instituições, escola e pelouro da Câmara Municipal de Lisboa, eram desempenhadas pela entidade comum.

Encontrando-se, pois, o grupo divagando no Parque do Campo Grande, foi ali surpreendido pelo Chefe Diplomado Franklim de Oliveira, o qual prontamente convidou aquele a fazer-se representar na reunião de dirigentes a realizar dias depois, numa pequena escola situada no Bairro Alto. Naquela reunião, adueiros, caminheiros, campistas, escoteiros, incluindo os municipais, manifestaram-se desde os primeiros contactos, tão entusiastas e exuberantes nas saudações, como limitados na transcrição de conhecimentos técnicos.

Mas, sem dúvida, na citada assembleia constituída por autodidactas juvenis de boa moral e esplêndidas intenções, presidida exemplarmente pelo dirigente referido, pessoa dinâmica e influente junto do Director da Associação, nasceram dedicações duradouras.

O conhecimento da existência da AEP, desconhecida por alguns, bem como o convite para novo encontro a realizar na residência do Comissário Geral, Dr. Tovar de Lemos, foram saudados de modo hilariante.

Não mais se obscureceu na nossa memória, apesar de seis decénios decorridos, o modo afável, carinhoso, mesmo paternal como éramos recebidos naquelas promissoras sessões.

Transposta a entrada, deparava-se-nos ambiente fulgurantemente iluminado e ao centro, grandiosa "rocha do conselho" que logo nos atraía. De algumas lâmpadas coloridas, imitando tissões, irradiavam raios luminosos, ondulantes, cujo tom avermelhado, lembrava labaredas. Próximo, um bule contendo odoroso e fumegante chá.

Enquanto calmamente se aguardava a chegada dos colegas retardatários, mantinha-se esclarecedora troca de ideias nas quais o tema constante versava exercícios de campo e nobres acções.

O chá e alguns bolos secos aceites com cortesia, eram servidos pelo dono da casa que, simultaneamente, nos transmitia normas orientadoras do procedimento a ter nas unidades.

Muito se aprendia nestes serões memoráveis, onde as leis do escoteiro a par dos bons exemplos constituíam preceitos exemplares seguidos com prazer.

Personalidades notáveis na sã política, no exército, na banca, no ensino, na diplomacia e até no governo da nação de que é exemplo o Dr. Marcelo Caetano, além de muitos mais de idónia idade impoluta, já falecidos, por lá passaram na idade propícia aos vastos projectos futuros dimanados de almas nobres.

Nela conhecemos o Silva, dirigente do agrupamento dos escoteiros municipais, alojados à falta de sede, no quartel de bombeiros existente junto da rua das Trinas onde, decorridos tantos anos, não nos é possível localizar precisamente.

Usavam uniforme cinzento, composto de blusa, calções, sapatos pretos, chapéu de feltro modelo "cow-boy" peúgas de canhão, lenço colorido envolvendo o pescoço e vara espessa na mão.

Os componentes em número reduzido, além de práticas escotistas auxiliavam assiduamente a extinção de incêndios.

Dirigia-os, tecnicamente, o jovem referido, de comportamento moral íntegro, continuamente dedicado aos seus educãndos, todos adolescentes e de aspecto humilde.

Sacrificava o tempo destinado ao almoço, permanecendo junto ao telefone do escritório onde exercia as suas funções profissionais, permutando com o signatário em serviço no Tribunal Militar como amanuense, ideias e projectos versando invariavelmente assuntos educativos.

Decorria o ano de 1921 em entusiástico convívio quando bruscamente surgiu a triste notícia de ter adoecido gravemente e, em consequência, falecido, dando origem ao desaparecimento do grupo, que tanto estimava.

Assim alcancámos 1922, que pela quantidade das actividades nele ocorridas se tornou digno de apreço.

O comissário regional Amâncio Salgueiro Júnior, elemento dotado de iniciativa, vocação pedagógica e grande dedicação às unidades da zona de Lisboa, visitava-as assiduamente, assistia aos exercícios quer nas sedes, quer no campo, ensaiava-as em arte técnica e especialmente no canto, escrevendo canções e marchas, algumas estimulantes de virtudes empolgantes de entusiasmo juvenil.

O grupo de Xabregas havia-se inscrito na AEP sob o número 15 e, embora apupado algumas vezes pelos condiscípulos com o epíteto de "fantoches", aumentava lentamente o prestígio devido certamente ao seu chefe ter assento no conselho escolar.

O reconhecimento da competência técnica e administrativa conferida em diploma pelo Campo Escola Central de Escoteiros-Chefes aos seus orientados mais lhe elevou a influência no internato e os meios materiais de manutenção.

A partir dassa data, funcionou, em parte, como centro de reeducação interna e de equipa socorrista em incêndios. As habilitações técnicas eram-lhes conferidas no Quartel de Bombeiros da Graça, que frequentavam. Foi-lhes fornecido inúmero e óptimo material de campo e vasta sede onde se reuniam nos tempos livres.

continua no próximo número

OS PORTUGUESES NO XXIII JAMBORI NO AR

← pág. 8

concurso a estes escoteiros, Fernando Piscarreta, de Porches, sugere-nos um possível parentesco com o velho amigo dos escoteiros, Joaquim de Sousa Piscarreta. Será?

Um relatório elaborado com certo desvelo é o que provém do Agrupamento 592 do CNE (Entroncamento). Em especial, as fotografias são de invulgar nível artístico.

Um novo relatório gigante (33 x 50 cm!) foi o produzido pelo Agrupamento 575 do CNE (Praia da Granja). Mas só gigante no tamanho, que no resto é bem pequeno. Não seria preferível diminuir-lhe as dimensões e aumentar-lhe o valor?

"O Jambori no Ar não é somente esta comunicação de uns dias apenas. Ele estende-se pelo resto do ano, com trocas de correspondência e verdadeiros sinais de amizade". Eis sinal evidente de que o espírito do JOTA vai estando, cada vez mais, de posse dos nossos escoteiros.

Um relatório que revela alguns cuidados de preparação e de imaginação dos seus autores é o que foi apresentado pelo Agrupamento 355 do CNE (Coimbra). Graficamente está bem executado e contém fotografias de certo interesse, com bom nível técnico e artístico.

Percebe-se que o JOTA foi sendo preparado com muita antecedência. Simultaneamente, realizou-se uma exposição de livros escotistas, emblemas, fotografias, revistas, trabalhos, rádios antigos e cartões de QSL, tudo motivos para atrair a atenção do visitante e lhe dar uma visão aceitável do que é o escotismo e o radioamadorismo. Ao mesmo tempo, notava-se um afã de confraternização com outras unidades escotistas, o que é muito saudável. E nem os contratempos conseguiram anular a boa disposição reinante: a avaria de um dos emissores não conseguiu empanar por muito tempo o entusiasmo de todos, embora fosse uma contrariedade que impediu os contactos com postos de mais longe. A estação interna de radiodifusão, como lhe chamaram, depressa veio colmatar o vazio que isso originou, com a transmissão de música alegre e de mensagens escotistas, bem como de programas recreativos. Assim é que é. E para o ano, decerto que teremos de novo o 355 *no ar*, como prometeram, "nas mesmas condições de calor humano".

Por fim, vamos referir-nos a um relatório, exteriormente sem nada de assinalável...

UM AMBIENTE DE GRANDE ALEGRIA E AMIZADE

Um relatório exteriormente sem nada de assinalável, foi o do Agrupamento 36 do CNE (Marinha Grande). Para a sua apresentação, foi utilizado apenas um modesto caderno escolar, do qual apenas se usaram 12 páginas. Mas o início da leitura fez-nos logo desconfiar que algo de interesse estava escondido nessa aparente vulgaridade. Assim, quando verificámos que, para o JOTA-80, o Agrupamento 36 reuniu mais uma vez os seus esforços, ficámos de sobreaviso. Depois, a descrição da montagem de uma torre do tipo poste de alta tensão, pintada de cor-de-laranja, com uma plataforma em cima e provida de um sistema de desmultiplicação manual para a rotação de antenas direccionais, trabalho feito por caminheiros, o nosso interesse ia aumentando. A seguir, o arranjo da sede, o bufete, uma quermesse, exposição escotista e preparação do programa de projecção de diapositivos eram sinais do 36 a trabalhar. Logo a seguir a montagem das estações e das antenas. Por fim, a grande novidade: uns mapas, montados num quadro eléctrico, onde iam sendo assinalados os diversos contactos: a vermelho, para os obtidos nos anos anteriores; a amarelo, para os repetidos este ano; e a verde, para os que fossem obtidos pela primeira vez.

Quando chegou a hora do início do JOTA, tudo estava pronto: dois radioamadores-escoteiros operavam nos postos que estavam montados. Havia ainda uma novidade: um posto da banda do cidadão. À meia-noite e meia hora, o primeiro contacto, com Ílhavo, onde se encontrava o Agrupamento 189. E assim se continuou pela noite adiante. De vez em quando, havia visita ao bufete, para petiscar qualquer coisa e manter os ânimos despertos...

Às 2 horas, sensação! O primeiro contacto com o estrangeiro. Tratava-se de um posto do Michigan, nos EUA, e com escoteiros a bordo.

Depois de algum tempo de descanso, às 9 horas de sábado, já tudo estava a pé. Na verdade, ninguém lhe apetecia dormir. O JOTA era uma sugestão muito forte. Daí a pouco "já toda a sede era um bicho vivo, com toda a malta já levantada e com todas as secções de novo a trabalhar. Surgiam as primeiras visitas e a equipa de recepcionistas dirigia os visitantes, mostrando-lhes toda a sede".

A exposição também ficou completamente pronta. Os visitantes puderam assim admirar uma vasta gama de material escotista, desde fardamentos expostos em manequins (eis uma sugestão para os pavilhões dos escoteiros na Feira das Indústrias de Lisboa), até literatura escotista, colecções de selos, autocolantes e muita outra coisa, o que dava ao visitante uma panorâmica do que é o mundo escotista e do aliciante que nele se contém.

Enfim, como se diz no relatório, "toda a manhã correu num ambiente de grande alegria e amizade". Escotismo do autêntico.

Os contactos sucediam-se e os mapas iam começando a trabalhar noutras cores...

A AMIZADE ERA CADA VEZ MAIOR

Pelo dia adiante, tudo correu da melhor maneira. Às 5 horas, contacto com dois postos de Itália "e mais uma vez escutámos com prazer e amizade os colegas italianos".

De repente, nova sensação: contacto com Israel. Todos pularam nas cadeiras! Nunca se tinha ouvido aquele país, com o qual foi trocado um QSO de grande amizade. Assim, sim! Fez-se rapidamente um furo nos mapas e um LED verde se iluminou, indicando Israel.

Foi uma tarde em cheio!

Depois do jantar, a malta continuou. "Fizeram-se muitas amizades com irmãos



Um curioso desenho do Agrupamento 598 (CNE) de Armação de Pêra.

pág. 14 →

FORAM DISTRIBUIDOS OS TROFÉUS DO III GRANDE PRÉMIO DE SINTRA DE CARROS DE RAMPA

← pág. 4

Até que chegou o momento tão ansiosamente esperado; o da entrega dos troféus.

O EC Silva e Cunha tomou a palavra para referir o êxito da iniciativa do 93 e agradecer a colaboração que o Grupo recebeu de diversas entidades, das empresas e associações que ofereceram os prémios e dos participantes no concurso. Deu relevo ao patrocínio do *Correio da Manhã* e da Pepsicola, que considerou um grande serviço prestado ao escotismo e agradeceu a presença de todos quantos ali se encontravam. Deu conhecimento de que, por proposta do seu Grupo, a direcção da AEP concedera a insígnia Gratidão ao *Correio da Manhã* e à Administração da Pepsicola, pelo carinho que ambos têm dispensado ao nosso movimento.

Seguiu-se o capítulo, por muitos considerado o mais importante desta cerimónia: o da entrega dos prémios.

Não se pode dizer que os troféus a atribuir não justificassem a expectativa. Tratava-se de número elevado de taças, algumas de artística feitura, medalhas e outros brindes, que enchiam, quase por completo a ampla mesa da presidência e que eram olhados, cobiçosamente pelos jovens concorrentes.

Começou, pois, o desfile dos campeões. No meio das manifestações de alegria dos participantes e dos aplausos da assistência, foram chamados os mais classificados das várias provas, que subiam ao *podium* para receberem o galardão. As provas disputadas foram a Rampa da Estefânia, a Rampa do Arraçário, a Rampa do Caracol e a Rampa da Pena, em que tomaram parte veículos da "fórmula 1", "grande turismo" e "protótipos". Mas também houve prémios para distinguir as melhores concorrentes femininas, o melhor classificado em pontos e o carro mais bem construído. Enfim, uma prolongada demonstração de alegria por parte de todos os que ali se encontravam.

Só a artística taça oferecida pela ACM não foi entregue aos que a conquistaram, em virtude de não estarem presentes os representantes do Grupo 88, da Buraca, o grupo com melhor presença nas diversas corridas.

Após esta agradável reunião, ao representante do *Sempre Pronto* foi facultada a visita às novas instalações do 93, guiado pelo nosso velho amigo João Henrique Pereira Soares. A sede está instalada num típico edifício, situado nas faldas da serra de Sintra, que serviu de cadeia comarcã, mas que se encontrava abandonado e que apresenta, portanto, sinais evidentes de degradação, causados pela passagem do tempo e pelo abandono.

O edifício adapta-se bem à actividade escotista, com os cantos das patrulhas, a secretaria, salas de reuniões, de chefia e direcção do grupo, posto de primeiros socorros, depósito de material e central radioamadora. Ao centro, fica uma ampla dependência, onde o Grupo pode levar a cabo reuniões de conjunto e cerimoniais, recinto envolvido por ampla galeria. O 93, unidade activa e que possui bom conjunto de dirigentes, está disposto a proceder a obras de restauro, desde que lhe seja garantida a sua permanência no velho edifício. Se assim acontecer, serão todos a ganhar: o Grupo 93, que ali tem magníficas instalações, e a vila de Sintra, que pode ver salvar-se um bem do seu património.

Uma tarde bem passada num ambiente de grande vibração escotista.

SINAL DE PERIGO

← pág. 1

O haxixe, depois para maior penar, uma seringa, Teerão, Istambul, a heroína...

Tudo é confuso!

A seringa da morte lenta!

Tenho 25 anos ou um século?

A droga matou em mim a vontade de viver, a prisão não me modificou. Algumas vezes lá fiquei: depois parti de cidade em cidade, de país em país, para fugir àquela obsessão, tentei mesmo, violentamente chegar ao bom caminho sem nunca o conseguir. Um dia voltei para casa com os braços todos cortados pois tinha tentado suicidar-me por causa da droga.

Como tudo isto está longe!

A memória continua – parto novamente à procura dos companheiros da droga; dos companheiros não, da droga! reneguei a família, os amigos, reneguei mesmo o amor – reneguei a vida.

Cheguei a estar ao frio, tudo suportando para esconder a droga que tinha no bolso.

Dias, meses, anos!

Depois o sol veio delicadamente aquecer-me a cama do Hospital Psiquiátrico de Magalhães Lemos, as semanas passaram e eu comecei a dar os primeiros passos. Algo se tornou claro, porém muita coisa ficou obscura pois voltei para casa antes do que estava previsto.

Tinha sido expulso!

Na estrada, um caderno de versos no bolso, noites nas cidades estrangeiras... sem fim. Num parque da Trofa, mais uma vez fui preso por posse ilegal de droga.

Os dias passaram, as semanas também, lá fora esperam-me mais uma vez. Vou tentar, já não estou só e, dir-te-ei, verás que agora conseguirei!

Amigo, a minha experiência diz-me que estás em perigo. Não deves continuar na forma de vida que levas; não deves continuar a viver só por viver, vivendo à deriva; não deves praticar os actos que te condenaram, que te afectam a consciência e que te marginalizam da sociedade. A vida de luxúria, de promiscuidade moral, o álcool, a droga, os desvios sexuais, que te escravizam e te arrastam como um objecto de pouco valor, não poderão nunca satisfazer a tua necessidade espiritual. O vazio que existe em ti, a carência de algo que preencha o vácuo espiritual, leva-te a procurar lugares impróprios e a praticar actos tão baixos que logo mais sentes nojo de ti próprio.

Em face disto, tens de reconhecer que estás numa situação muito perigosa; estás num perigo iminente; vives em completa transgressão dos padrões morais e divinos, estás condenado! És um pecador irremediavelmente perdido e careces de alguém que te tire dessa situação e que te salve; alguém com poder suficiente e capaz de te ajudar, que te livre da condenação que pesa sobre ti. Eu também estive como tu. Pratiquei os mesmos actos que tu; senti-me só e frustrado como tu; cheguei mesmo a tentar suicidar-me, porque não encontrava uma saída para a minha tristeza e infelicidade, porém um dia falaram-me de Jesus Cristo, convidaram-me para assistir a uma reunião, cri e aceitei a salvação que Jesus me ofereceu: perdoou os meus pecados, livrou-me da condenação, preencheu o vazio da minha alma e deu-me completa felicidade, paz e abundante alegria.

Alberto Machado F. da Silva

OS PORTUGUESES NO I JAMBORI

← pág. 6

Aproveitámos o ensejo para perguntar:

– Como tomou parte em dois outros jamboris mundiais, é sua opinião que houve grande diferença entre o Jambori de Olympia e os outros que se lhe seguiram?

– *Certamente. O Jambori do Olympia foi mais espectacular. Tinha assim como que um aspecto de arraial, o que desagradou a algumas delegações estrangeiras. A dinamarquesa foi a primeira a manifestar-se, visto que não gostava daquilo, do ponto de vista escotista. Os ingleses responderam-lhes então:* "Não gostam? Então façam vocês!" *como nós também costumamos responder muitas vezes. Foi por isso que eles organizaram o Jambori de 1924, em Copenhaga. Este acampamento é que passou a constituir o padrão de todos os jamboris realizados posteriormente, em especial na Europa, já que nos EUA e no Canadá é possível que tenha havido certas diferenças. Em Olympia, não havia propriamente uma organização. Era de facto um charivari. O de 1929, realizado também na Inglaterra, já não foi assim. Era evidente a existência de uma organização, dirigida por um brigadeiro-general, e as coisas passaram-se de maneira diversa. Não sei como se passavam os acontecimentos em Richmond Park, mas nós, que estivemos no Olympia, e deviam ser muitos (eu tinha o n.º 954, que tinha de apregoar quando entrava no refeitório, fornecido e dirigido pelo Lyons), a comida era igual para todos. A não ser o primeiro-almoço, as outras refeições deixavam muito a desejar, principalmente por não estarmos habituados a empadas, empadinhas e empadões. Já os dinamarqueses, em 1924, e assim parece ter continuado, forneciam os géneros aos contingentes e estes cozinhavam-se à sua maneira.*

E a finalizar:

– *Os portugueses, no I Jambori, tinham ao pé de si um siamês e um pequeno que representava a Polónia, um lobito. Estávamos ali instalados, o que não era nada convidativo. Em suma, não era a vida ao ar livre. Quanto à confraternização, tenho a impressão que ela dá-se mais entre os rapazes estrangeiros e as raparigas dos locais onde os jamboris se realizam...*

E assim chegámos ao fim desta longa conversa. Não tão longa que não tivesse ficado muito mais por dizer. Contentemo-nos com este pedaço, porque talvez tenhamos oportunidade de acrescentar outras lembranças a este valioso repositório.

J. R.

AÇORES

O GRUPO Nº 52 – AEP – COMEMORA EM ANGRA DO HEROÍSMO O DIA DO ESCOTEIRO

O Grupo nº 52 assinalou o Dia de S. Jorge com uma reunião geral a que assistiram os seus escoteiros. Foi comentada a lenda do S. Jorge e o Dragão e referidos os nobres sentimentos da cavalaria, de que os escoteiros são os continuadores, foi realizado o jogo "duelo de cavalaria" e efectuou-se a final de um torneio de ténis de mesa. A terminar, houve entrega de troféus e entoaram-se alegremente canções escoteiras.

*

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

À semelhança dos anos anteriores, realizou-se no Hotel de Angra o jantar de confraternização promovido pela delegação da Ilha Terceira da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Registou-se a presença de "antigos" da AEP e do CNE, tanto escoteiros como dirigentes, que expressaram a sua alegria. Usou da palavra o prof. Leopoldino Tavares, que recordou a figura do Chefe Moniz Silva, a quem se ficou a dever a realização destes encontros, e congratulou-se com a presença do antigo chefe do "52", sr. Guilherme Martins Ramalho, bem como de dirigentes do Agrupamento nº 395 do CNE.

*

A EMISSORA "VOZ DA TERCEIRA" FALA DO DIA DO ESCOTEIRO

O Chefe Regional dos Escoteiros de Portugal nos Açores, o E. C. prof. Leopoldino da Rocha Tavares, proferiu aos microfones da "Voz da Terceira" uma palestra alusiva ao Dia do Escoteiro, tendo dirigido uma saudação a todos os escoteiros do arquipélago açoriano. – *C.*

EM CASTELO DE VIDE

FOI FUNDADO O GRUPO Nº 71 DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

A Associação dos Escoteiros de Portugal acaba de filiar o Grupo nº 71, com sede na Sequeira Sameiro, em Castelo de Vide, com o patrocínio da Aliança Nacional das ACM, a que fica anexo.

A sua Direcção ficou constituída pelos seguintes senhores:

Presidente – Carolino Coimbra Pina Tapadejo, presidente do Município;

Secretário – Joaquim de Alegria Rolo;

Tesoureiro – Capitão José Isabel Lourenço, director do Clube de Campo ACM, de Castelo de Vide.

Para dirigentes, foram propostos os seguintes elementos:

Francisco José Videira Caldeira, chefe do grupo;

Maria Francisca Videira Caldeira, chefe de alcateia;

José Luís António Martins, para auxiliar da chefia.

Aguarda-se que termine o período escolar, para dinamizar a actividade do Grupo, tanto mais que a região se presta admiravelmente para as práticas escotistas.

COMISSÃO DE AMIGOS DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL DO CARTAXO

O "Diário da República" de 4 de Março p. p. publica os Estatutos de uma associação cultural, constituída no Cartaxo, sob a denominação em epígrafe.

Esta colectividade tem por finalidade essencial apoiar o Grupo 72 da AEP daquela vila, através da promoção de reuniões de convívio, conferências, exposições e doutras actividades que contribuam para o convívio salutar, para o fortalecimento de amizades, assim como de exprimir as aspirações e necessidades dos pais ou encarregados de educação dos membros do grupo.

Podem tornar-se sócios desta associação os indivíduos maiores de 18 anos, convidados e propostos, que pagarão uma quota anual de 100 escudos.

A sede da colectividade é na Rua de José Ribeiro da Costa, Quinta das Pratas, na conhecida vila ribatejana.



CARIMBOS POSTAIS COMEMORATIVOS

continuação do número anterior

62 – 21/10/1973 – LUANDA – (Angola)
XVI Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

63 – 21/10/1973 – NOVA LISBOA – (Angola)
XVI Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

64 – 23 / 4 /1974 – CACÉM
São Jorge – Patrono dos Escoteiros
Sobrescrito comemorativo: Idem.

65 – 23 / 4 /1974 – PORTO
São Jorge – Patrono dos Escoteiros
Sobrescrito comemorativo: Idem.

66 – 23 / 4 /1974 – FUNCHAL – (Madeira)
São Jorge – Patrono dos Escoteiros
Sobrescrito comemorativo: Idem.

67 – 23 / 4 / 1974 – LUANDA – (Angola
São Jorge – Patrono dos Escoteiros.
Sobrescrito comemorativo: Edição do Organizador Nacional do Jambori no Ar.

68 – 23 / 4 / 1974 – MALANJE – (Angola)
São Jorge – Patrono dos Escoteiros.
Sobrescrito comemorativo: Idem.

69 – 23 / 4 / 1974 – SÁ DA BANDEIRA – (Angola)
São Jorge – Patrono dos Escoteiros.
Sobrescrito comemorativo: Idem.

70 – 19/10/1974 – COIMBRA
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

71 – 19/10/1974 – PORTO
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

72 – 19/10/1974 – ANGRA DO HEROÍSMO – (Açores)
XVII Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

OS PORTUGUESES NO XXIII JAMBORI NO AR

← pág. 11

doutros agrupamentos. Cumprimentaram-se velhos conhecidos e fizeram-se novas amizades".

Por fim, veio o cansaço, pelo que foi necessário algum tempo de repouso.

No domingo de manhã, um contratempo inesperado: falta de energia eléctrica.

Mas os bravos jovens da Marinha Grande não ficaram desarmados: foram-se preparar e apresentaram-se na missa. Até que à uma da tarde, a electricidade veio de novo. As visitas eram então ininterruptas. Até radioamadores ali se deslocaram para admirarem no local o aparatoso rádio escotista que ali fora montado. Em determinada altura, o Jambori estava no auge. Contactos frequentes e a sala repleta de visitantes. Os mapas tinham um bonito brilho, com as luzes de várias cores, embora fosse de dia.

Noutro passo do relatório: "Não nos podemos esquecer de uns colegas dos Açores com quem tivemos um dos mais bonitos e longos QSO's. Foram eles os amigos João Artur e Carlos, de Angra do Heroísmo, com a estação CT 8 EAH e com o Grupo 52 da AEP a bordo, com os quais travámos uma bonita amizade, através do éter".

Em determinada altura, entra na sala da rádio "uma linda escoteirinha, um tanto ou quanto calmeirona, acompanhada de grande alarido da malta! Tratava-se, nada mais, nada menos, de um dos nossos colegas que, muito bem disfarçado, de peruca e saia azul, resolveu "reinar" um pouco, agora que os ânimos já estavam um pouco abaixo, depois de um esforço como foram as 48 horas de rádio".

Mas os contactos continuavam, alguns já repetidos, "mas a amizade cada vez era maior".

Por fim, "a que foi talvez a última grande amizade deste JOTA: pelas 22 e 40, entrámos em QSO com CT 5 EMM, na Mata Mourisca, com o operador Louro e o Agrupamento 471 do CNE, um velho conhecido da malta, principalmente dos caminheiros. Foi então que tivemos o grande prazer de ouvir o Paiva, um grande amigo da rapaziada e que, certamente rodeado por muito pessoal do 471, assim como nós, ria de contentamento por aquele QSO tão alegre e que serviu para estreitar, ainda mais, os nossos laços de amizade".

Foi assim que decorreu o JOTA na Marinha Grande, na sede do Agrupamento 36. E decorreu bem. Decorreu como seria bom que acontecesse em outros lados.

B. R. A. V. O.! Bravíssimo!

O ESCOTISMO PORTUGUÊS NA JUVENTUS 81

O Movimento Escotista Português (AEP - CNE - AGP) esteve presente, mais uma vez, neste importante certame virado para a juventude que anualmente tem vindo a ser realizado pela Associação Industrial Portuguesa, nos pavilhões das Feiras de Lisboa, situados na Junqueira, em Lisboa.

Cada associação escotista montou o seu pavilhão com uma área de 3 x 9 metros, num total, pois, de 71 m^2 o que já representou um bom espaço como apresentação ao público do que é o Escotismo, isso, mesmo em relação ao conjunto de outros movimentos de jovens ou como tal apelidados.

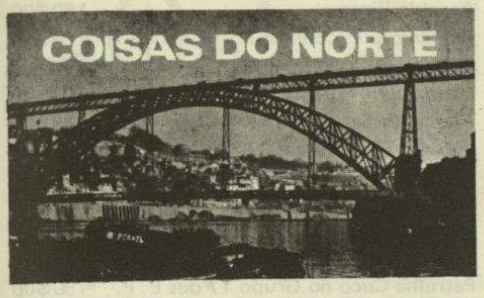
No que se refere à AEP, apresentou um interessante "stand" decorado com variadíssimos paineis alusivos ao Escotismo e às suas actividades desde as que se desenvolvem com os mais jovens os "Lobitos", aos "Escoteiros", "Caminheiros" e "Dirigentes". Um dos paineis aludia à origem do Escotismo onde se destacava uma silhueta de Baden-Powell, enquanto outro mostrava a expansão da AEP por todo o território nacional. O primeiro grupo de Escoteiros foi fundado em Macau, em 1911, pelo comandante Melo Machado, e em 1913 fundou-se a Associação dos Escoteiros de Portugal com três grupos de Lisboa.

Dos factos atrás referidos, resultou um dístico, que abrangia grande parte de toda a extensão do "stand", onde se via uma grande flor-de-lis da insígnia associativa seguida da frase:

SETENTA ANOS DE JUVENTUDE UM CORAÇÃO SEM IDADE.

O certame decorreu de 3 a 12 de Abril e no dia da inauguração estiveram presentes vários elementos da Direcção Nacional entre os quais o Esc.-Chefe Nacional, Eng. José Nobre Santos que recebeu e acompanhou na visita ao "Stand" da AEP os Ministros da Qualidade de Vida, sr. Eng. Ferreira do Amaral; Secretária de Estado da Família, sra. dra. Maria Teresa Macedo, e o Director-Geral do Fundo de Apoio

pág. 16 →



GRUPO Nº 4

No dia 10 de Maio, esteve este Grupo bivacado em Beloi, S. Pedro da Cova, para a realização de provas de 1ª e 2ª estrelas e 2ª Classe. Não foi possível cumprir todo o programa previsto em virtude do mau tempo, pois havia ainda o regresso a casa a pé numa distância de 30 km.

PASSAGEM DO 44º ANIVERSÁRIO

Para comemorar o seu 44º aniversário, esteve este Grupo acampado no lugar da Arroteia da Areosa, nos dias 23 e 24 de Maio corrente.

Estiveram presentes familiares e inúmeros amigos a fim de assistirem ao Fogo do Conselho e à Festa de Campo.

Foi aproveitada a efeméride para a passagem de divisão de escoteiros para caminheiros, 3 elementos, e de lobito para escoteiro, 1 elemento, bem como para o Alfredo José de Carvalho completar as suas provas de 2ª Classe, porque foi o único que as prestou em condições, e o lobito José Paulo Sá, recebeu a insígnia de aptidão de sinaleiro.

Também foram louvados cinco escoteiros pela sua assiduidade e comportamento exemplar.

*

No passado dia 15 de Maio, faleceu nesta cidade o senhor Manuel de Sousa, grande amigo dos escoteiros.

Foi tesoureiro do Grupo nº 4 por cerca de 25 anos, sempre com grande entusiasmo e dedicação, pois não negava os seus esforços para o engrandecimento do Grupo.

Ao seu funeral assistiram todos os elementos do 4, que fizeram guarda de honra, última homenagem ao seu dirigente e amigo, que por todos era querido.

À família enlutada, os membros do "4" apresentam os mais profundos sentimentos. – *D. Figueiredo*

* * *



JOÃO CARLOS SARAIVA MAMEDE

Este nosso estimado amigo, de 48 anos de idade, assinante dedicado de "Sempre Pronto" e antigo escoteiro do extinto Grupo nº 53, de Lisboa, foi vítima de um ataque cardíaco que resistiu a todas as tentativas de recuperação.

João Mamede era um belo companheiro das lides escoteiras, pelo que os antigos membros daquele grupo ocorreram a prestar-lhe a derradeira homenagem, incorporando-se em grande número no seu funeral, que se realizou no domingo, dia 16 de Maio, da Igreja Lusitana de São Paulo para o cemitério do Alto de S. João.

A Fraternal dos Antigos Escoteiros esteve representada pelo presidente da sua Direcção companheiro José Rafael Baudouin.

"Sempre Pronto" sente profundamente a perda deste amigo e apresenta sentidas condolências a sua desolada viúva, sra. D. Florentina Fernandes C. Vitorino Mamede.

REMUNERAÇÕES PARA OS ESTUDANTES E DONAS DE CASA E TRABALHO E ESTUDO AO LONGO DE TODA A VIDA

← pág. 5

mas também as pessoas da terceira-idade, pois não é aceitável tirar dos empregos, onde receberiam, por exemplo, 10 a 15 contos, para lhes darem uma pensão de 3 ou 4 contos.

Eis, em súmula, as arrojadas afirmações de Pereira Bastos, à quais ninguém ousará negar razão, visto que abordam problemas que afligem a sociedade actual. Conseguir-se-ia, com a sua adopção, resolver os quebra-cabeças com que os responsáveis presentemente se debatem? É uma pergunta a que ninguém, em consciência, pode responder. Mas que são elementos dignos de ponderação, nisso certamente estaremos todos de acordo. Uma coisa é certa: convidamos todos os que estão interessados nos problemas educativos a ler esta entrevista recheada de interesse e meditar nas suas polémicas afirmações, porque, com certeza, não vão perder o seu tempo.

J. R.

CAMPANHA DE ASSINATURAS EM MARCHA!

Prossegue a Campanha de Assinaturas e algumas respostas têm chegado. Não tantas como seria de esperar, mas, no entanto, algumas bastante animadoras pelo espírito de colaboração que revelam. É esta a posição da Campanha:

GRUPO Nº	LOCALIDADE	PROPONENTE	ASSINATURAS
52	Angra do Heroísmo	Prof. Leopoldino Tavares	13
4	Vila Nova de Gaia	Domingos Figueiredo	8 pagas
77	Faro	Julião E. Pestana	5 pagas 1 não paga
	Viana do Castelo	Dr. S. B. S. Viana	1 paga
142 – CNE	Portalegre	João José F. Pena	1
	Paço d'Arcos	Herlander Santos Costa	1 paga
17	Porto	José Alberto T. Cerqueira	1 paga
80	Ponta Delgada	Gui Pinto da Costa	1 paga
58	Porto	Manuel A. O. Meireles	1 paga
119 – CNE	Coruche	Fernando L. C. Amaro	1 paga
	Porto	José Paulo Matos	1 paga

Fazemos novo apelo a todos os nossos Amigos e, em particular, aos Grupos de Escoteiros. A resposta à Campanha é uma forma de nos dar apoio, de nos estimularem a prosseguir. Não hesitem mais. Ajudem-nos na Campanha!

O ESCOTISMO PORTUGUÊS NA JUVENTUS 81

← pág. 14

aos Organismos Juvenis, sr. dr. Emílio Pires.

Todos eles se mostraram vivamente interessados pelo Movimento, tendo até a sra. dra. Teresa Macedo cumprimentado os dirigentes e escoteiros presentes como antiga escoteira.

A meio da semana a Sra. Dra. Manuela Eanes visitou o certame. Os escoteiros da AEP e seus dirigentes, que em bastante elevado número estiveram presentes todos os dias, colaboraram com a organização do certame na procura e encaminhamento dos jovens perdidos dos seus familiares, e, no dia da visita da Sra. Dra. Manuela Eanes, colaboraram no encaminhamento da visita, o que mereceu rasgada referência por parte não só da referida senhora, quando visitou o nosso Stand, como dos organizadores, da AEP.

A esposa do senhor Presidente da República mostrou-se muito interessada pelo Escotismo e pela mais velha associação de escoteiros em Portugal. Ao tomar conhecimento da realização do próximo XV Acampamento Nacional dessa associação e ao ter-se-lhe posto a hipótese de ser convidada para uma visita a essa grande actividade dos Escoteiros de Portugal, logo afirmou que seria com todo o gosto que o faria, se fosse convidada.

DE MÊS PARA MÊS



ARRIBA

Já temos dito que o Escotismo vive aqui e agora o seu momento óptimo. E isto é verdade. Por toda a parte, a juventude acorre aos Grupos de Escoteiros a solicitar a sua admissão. Particularmente, logo que se anuncia a organização de um novo grupo, surge uma avalanche de rapazes entusiasmados perante a perspectiva de serem escoteiros.

Esta é uma situação positiva e nós, dirigentes escoteiros, estamos obrigados a dar-lhe resposta pronta e eficiente. E não merece a pena alinhar escusas, alegando falta de tempo, de dirigentes, de meios. Todas essas desculpas estão certas, mas é imperioso procurar solução para elas. Para isso é necessário andar depressa. A lentidão não leva a lado nenhum. Urge responsabilizar e dinamizar. E que surja alguém que lance o brado vigoroso de *ala, ala, arribà!*

VAMOS DAR ATENÇÃO AOS LOBITOS

← pág. 3

O aspirante a Lobito presta a seguinte PROMESSA:

PROMETO FAZER TODO O POSSÍVEL POR

1º – Ser leal a Deus, à Pátria e à Lei da Alcateia.

2º – Prestar diariamente um pequeno serviço a alguém.

A PROMESSA é a manifestação solene de que o garoto, dentro do ESPÍRITO DA SELVA, procura no meio da sua brincadeira cumprir os deveres para com DEUS E PÁTRIA, movimento e altruísmo, base de toda a acção educativa.

continua no próximo número

ADMINISTRAÇÃO

Durante o último mês, mais os seguintes assinantes nos remeteram gentilmente o valor de suas assinaturas, o que muito agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Fernando Luís Costa Amaro	200$00
Vítor Manuel da Conceição Ferreira	750$00
José F. Fernandes Grupo 90 CNE	300$00
Grupo nº 48 da AEP	200$00
D. Ernestina Nascimento Raposo	200$00
António Luís Guerreiro	250$00
Vasco Vitorino Pereira (1980/81)	300$00
D. Maria Guida C. Melin	300$00
Dr. Gaspar Soares B. S. Viana	250$00
Eng. José Joaquim C. de Aquino	200$00
D. Maria Elisama Moreira	400$00
Wanda Ribeiro	300$00
Luís Filipe Almeidinha	300$00

OUTROS ASSINANTES

Fernando Oliveira Figueiredo	150$00
António Marcos Pessegueiro Silva	150$00
Rui Carlos Constante Andrade	150$00
Joaquim Manuel Rebelo Cruz	150$00
Fernando António Coimbra Soares	150$00
Alberto Capela	150$00
Fernanda de Almeida	150$00
José Filipe	150$00
Arnaldo Pinto	150$00
Associação Escoteiros Portugal da Região Norte (1980/81)	250$00
Arnaldo Pinto (1980)	100$00
Herlander Santos Costa	150$00
Alberto Teixeira	150$00
Sidónio A. Pereira Viana	150$00
Carlos Augusto Carvalho	150$00
Manuel António O. Meireles	150$00
Grupo nº 58 dos E. P.	150$00
Patrulha Cuco do Grupo 17 dos E. P.	150$00
José Alberto Teixeira Cerqueira	150$00
Grupo nº 2 da AEP	150$00
Jaime Silva	150$00
José Paulo Amado de O. Matos	150$00
Manuel Ferreira Valério	150$00
António Viegas Custódio (1980)	100$00
Eduardo Augusto S. Xavier	150$00
Wolf Karl	150$00
Agrupamento nº 501 do CNE	150$00
Mário Fernandes (1980/81)	250$00

* * *

EFEMÉRIDES

JULHO

Dia 3 – 6º aniversário do Grupo nº 48 – AEP – Damaia.

Dia 8 – 47º aniversário do Grupo nº 94 – AEP – Lisboa.

Dia 13 – 25º Aniversário do falecimento, no Rio de Janeiro, de David M. de Barros, escoteiro português da cidade do Porto, que foi notável dirigente na União dos Escoteiros do Brasil, grande obreiro da fusão de todas as associações escoteiras naquela União.

Dia 16 – 53º aniversário do Grupo nº 77 – AEP – Faro

48º aniversário do Grupo nº 16 – AEP – Carcavelos.

Dia 31 – 52º aniversário da inauguração do III Jambori Mundial em Birkenhead – Inglaterra – 1929.

AGOSTO

Dia 3 – 23º aniversário do Grupo nº 12 – AEP – Sassoeiros, Carcavelos.

Dia 4 – 24º aniversário da inauguração do Jambori do Jubileu, realizado em Sutton Coldfield, Inglaterra.

Dia 13 – 54º aniversário do I Acampamento Nacional da AEP – Queluz.

Dia 14 – 67º aniversário do Grupo nº 9 – AEP – Lisboa.

Dia 14/15 – 26º aniversário de um acampamento regional do Algarve, realizado em Vila Real de Sto. António, no qual participaram os Grupos nºs 6, 60 e 77 e 150 escoteiros idos de Lisboa.